

Como os Estados Unidos discutem as angústias da Europa

129

THOMAS KLEINE-BROCKHOFF
PETER SPARDING

INTRODUÇÃO

Este trabalho analisa a anatomia do debate americano sobre a crise do euro. Ele pesquisa porque economistas dos Estados Unidos vêem a crise europeia como relevante e prejudicial aos interesses americanos. Revisa o ceticismo histórico nos Estados Unidos sobre a moeda comum europeia e avalia o impacto deste ceticismo nas percepções atuais da crise. O trabalho examina como a jornada histórica dos Estados Unidos em direção ao federalismo completo impacta os conselhos que oficiais e analistas americanos oferecem à Europa, e descreve a batalha das escolas econômicas, erroneamente colocada como uma forma de divisão cultural entre parceiros transatlânticos. No final, um retrato relativamente desfavorável da Europa emerge – a Europa percebida pelos analistas americanos da zona do euro.

PREOCUPAÇÃO, PESSIMISMO, ALARMISMO

Quando se trata da crise do euro, americanos e europeus concordam em um ponto: ambos os públicos querem simplesmente que a crise acabe. Mais de dois anos após a aprovação do primeiro pacote de assistência internacional para a Grécia, a fadiga da crise se assentou em ambos os lados do Atlântico. O desejo de uma solução mágica cresce tão rápido quanto o reconhecimento de que varinhas mágicas são difíceis de aparecer.

De várias formas, porém, o debate nos Estados Unidos é diferente da conversa europeia. No nível mais básico e óbvio, é um discurso de elite, ao invés de uma deliberação amplamente pública. Na Europa, a população é bombardeada com notícias e comentários sobre a crise, e cidadãos lidam com as conseqüências da crise diariamente. Cinquenta e quatro por cento dos alemães vêem a crise do euro com o tópico político mais importante, segundo uma pesquisa de julho de 2012¹. Este resultado pode não ser surpreendente, dado que contribuintes alemães têm financiado uma porção substancial dos resgates aos membros da zona do euro. Em contraste, apenas 17 por cento dos que responderam à pesquisa nos Estados Unidos disseram que seguem de perto as notícias sobre o desconforto na Europa. O Centro de Pesquisas Pew, que conduziu a enquete em maio de 2012, resume o sentimento americano sobre a crise do euro: “O público boceja com as angústias da economia europeias”²

No entanto, ao mesmo tempo, elites americanas engajaram-se num debate acalorado sobre a crise europeia e os impactos na economia dos Estados Unidos. Críticas ao tratamento dado à crise e à inabilidade de terminá-la dominam as discussões na imprensa e nos círculos políticos americanos. Qualquer amostra das manchetes irá revelar como, na melhor das hipóteses, “o euro confunde a América”. Mais provável, o futuro do euro é visto como “discutível”. A Europa parece estar presa em uma “grande ilusão”. Por meses, leitores dos periódicos americanos têm sido levados a acreditar que o “Eurogeddon” está próximo, que líderes europeus irão “se encontrar no pior cenário possível”³ e que a “zona do euro irá ao colapso” até mesmo “este ano,”⁴ uma profecia que, no momento de produção deste trabalho, tinha apenas semanas para se tornar realidade. Enquanto a fonte desta citação, Nouriel Roubini, é conhecido como um figura tipo Cassandra entre os economistas americanos, parece que seus longos braços chegam bem aos estúdios e escri-

- 1 POLITOBAROMETER. *Euro-Krise gewinnt stark an Bedeutung*. Disponível em: <http://politbarometer.zdf.de/ZDF/zdfportal/web/ZDF.de/Politbarometer/2942200/23440882/33c54a/Euro-Krise-gewinnt-stark-an-Bedeutung.html>. Acessado em 13/07/2012.
- 2 Pew Research Center *Public Yawns at European Economic Woes*. Disponível em: <http://www.people-press.org/2012/05/17/public-yawns-at-european-economic-woes/>. Acessado em 17/05/2012.
- 3 WEISSMANN, J. *Eurogeddon: A Worst-Case Scenario Handbook for the European Debt Crisis*. Disponível em: <http://www.theatlantic.com/business/archive/2012/06/eurogeddon-a-worst-case-scenario-handbook-for-the-european-debt-crisis/258368/>. Acessado em: 12/06/2012.
- 4 MONAGHAN, A.; FLETCHER, R. *Eurozone will collapse this year, says Nouriel Roubini*. Disponível em: <http://www.telegraph.co.uk/finance/financialcrisis/9046365/Eurozone-will-collapse-this-year-says-Nouriel-Roubini.html>. Acessado em 28/01/2012.

tórios editoriais de notícias em todo o país onde o Sr. Pessimismo e a Sra. Perdição parecem estar em serviço. Uma recente edição da revista *The Atlantic*, por exemplo, encorajou americanos a “começar a entrar em pânico”.⁵ É este pessimismo, beirando o alarmismo, que se tornou característica distinta das conversas americanas em 2011 e na maior parte de 2012. Quase ausente nesta conversa está a ideia que a Europa está atravessando um doloroso processo de reestruturação, no final do qual irá emergir como uma entidade econômica mais forte.

Este trabalho analisa a anatomia do debate Americano sobre a crise do euro. Ele pesquisa porque economistas dos Estados Unidos vêem a crise europeia como relevante e prejudicial aos interesses americanos. Revisa o ceticismo histórico nos Estados Unidos sobre a moeda comum europeia e avalia o impacto deste nas percepções atuais da crise. O trabalho examina como a jornada histórica dos Estados Unidos em direção ao federalismo completo impacta os conselhos que oficiais e analistas americanos oferecem à Europa. E descreve a batalha das escolas econômicas que é erroneamente colocada como uma forma de divisão cultural entre parceiros transatlânticos. No final, um retrato relativamente desfavorável da Europa emerge – a Europa percebida pelos analistas americanos da zona do euro.

O ARGUMENTO “EU TE DISSE”

As críticas americanas sobre a moeda comum da Europa não são um fenômeno novo. Muitos economistas dos Estados Unidos são céticos sobre a unificação monetária na Europa desde sua implantação. Isso foi verdade especialmente na década de 1990, antes da introdução efetiva da moeda comum. Apesar de muitas elites europeias verem a união monetária como um passo essencial na integração histórica do continente, especialistas americanos tipicamente tinham um olhar mais pessimistas. Escrevendo para a *Foreign Affairs* em 1997, o economista de Harvard Martin Feldstein concluiu que a união monetária europeia e uma integração política mais profunda não iriam levar a uma Europa mais unificada ou harmoniosa, mas resultaria, ao contrário, em “mais conflitos dentro da Europa e entre a Europa e os Estados Unidos.”⁶ Não é surpresa que a atual crise na Europa levou diversos economistas americanos

5 WEISSMANN, J. (2012).

6 FELDSTEIN, M. EMU and International Conflict. *Foreign Affairs*, Nov./Dez. 1997, Disponível em: <http://www.foreignaffairs.com/articles/53576/martin-feldstein/emu-and-international-conflict>

a se sentirem vingados por suas previsões anteriores: “eu te disse”. Isto explica muito do tom e do volume do discurso público. E porque não deveriam se sentir desta forma? Praticamente todas as falhas de projeto do euro, hoje consideradas ou causas da crise ou razões para a inabilidade de consertá-la, tinham sido previstas pelos economistas americanos. Eles não querem estar certos e serem ignorados novamente.

A maior parte das pesquisas iniciais sobre a União Econômica e Monetária (UEM) conduzida por economistas americanos foram baseadas na teoria da Área Monetária Ótima (AMO) desenvolvida por Robert Mundell e outros, que olha os custos de oportunidade entre os benefícios de taxas fixas de câmbio (união monetária) e taxas flexíveis de câmbio.⁷ Muitos economistas americanos usaram estes critérios para analisar o quão preparados estão os estados europeus para formar uma união monetária de sucesso, frequentemente citando os Estados Unidos como referência. Estes estudos concluíam com frequência que a Europa não estava otimamente preparada como os Estados Unidos para adotar uma moeda comum.⁸ Barry Eichengreen e Tamin Bayoumi (1992), por exemplo, encontraram que choques de oferta (e, em menor escala, de demanda) nos países centrais (neste ponto, Alemanha, França, Bélgica, Luxemburgo, Países Baixos e Dinamarca) eram menores e mais correlacionados entre países vizinhos do que na periferia (Reino Unido, Itália, Espanha, Portugal, Irlanda e Grécia), então sinalizando um perigo de ocorrências assimétricas de choques na união monetária. Similarmente, diferenças poderiam ser observadas entre regiões nos Estados Unidos, mas o estudo demonstrou que estas poderiam se adaptar muito mais rápido que países europeus, um resultado que Eichengreen e Bayoumi atribuíram a maior mobilidade de fábricas nos Estados Unidos.⁹ Além disso, Xavier Sala-i-Martin e Jeffrey Sachs encontraram em um estudo de 1991 que o impacto de choques regionais nos EUA tinham sido suavizados significativamente por transferên-

7 JONUNG, L.; DREA, E. *The euro: It can't happen, It's a bad idea, It won't last*. Disponível em: http://ec.europa.eu/economy_finance/publications/publication16345_en.pdf. Acessado em 14/3/2013. Compare também com KRUGMAN, P. *Revenge of the Optimal Currency Area*. Disponível em: <http://krugman.blogs.nytimes.com/2012/06/24/revenge-of-the-optimum-currency-area/>. Acessado em 24/06/2012; FRANKEL, J. A.; ROSE, A. K. *The Endogeneity of the Optimum Currency Area Criteria*. Disponível em: <http://faculty.haas.berkeley.edu/aroce/ocaj.pdf>. Acessado em 31/06/2012.

8 Para um extenso panorama das análises e conclusões de economistas norte-americanos sobre a UME, ver JONUNG, L.; DREA, E. 2009.

9 BAYOUMI, T.; EICHENGREEN, B. Shocking Aspects of European Monetary Union. *National Bureau of Economic Research*, n.3949, p.35, 1992. Disponível em: http://www.nber.org/papers/w3949.pdf?new_window=1. Acessado em: 14/03/2013.

cias federais. Eles então concluíram que a criação de uma moeda unificada na Europa “sem um esquema de seguro federal... poderia muito bem levar o projeto ao fracasso.”¹⁰

Dadas as pesquisas, alguns economistas americanos concluíram que a UEM fazia pouco sentido economicamente e, então, era provavelmente buscada por razões políticas. Um dos mais ardentes propositores deste argumento foi o economista de Harvard Feldstein, que descreveu as forças políticas impulsionadoras por trás da UEM como “uma estranha mistura de internacionalismo pró-europeu e a busca de um auto-interesse nacional limitado”¹¹ Nesta narrativa, as nações decisivas eram Alemanha e França, e a decisão em favor da UEM – como Barry Eichengreen disse – foi resultado de uma barganha entre a França, que queria “recapturar algum controle sobre a política monetária do continente” e a Alemanha, que queria “integração política para adquirir um papel de política externa no contexto da política externa da União Europeia.”¹² Outros, incluindo Thomas Willet, argumentaram que as elites políticas europeias “não sabiam quando parar” e erroneamente chegaram “a pensar a integração econômica como um processo institucional que deve sempre seguir adiante.” De acordo com Willet, estes indivíduos subsequentemente forçaram a união monetária como o passo seguinte lógico, em seguimento às negociações para o mercado único.¹³

A inclinação entre muitos observadores americanos a ver a união monetária europeia como um projeto político “impulsionado por motivos obscuros e baseados em fundação institucional insuficiente” contribuiu para um olhar geral pessimista sobre o euro.¹⁴ Nesta visão, a UEM como buscada pelas elites políticas europeias claramente não seguiam os critérios de uma área monetária ótima e foi conseqüentemente criada com falhas de design significantes e inerentes. Não valeu de nada que muito do debate nos Estados Unidos sobre a Europa tenha sido (e ainda seja), em grande medida, informado por fontes

10 SALA-I-MARTIN, X.; SACHS, J. Fiscal Federalism and Optimum Currency Areas: Evidence for Europe from the United States. *National Bureau of Economic Research*, n.3855, p. 20, 1991. Disponível em: http://www.nber.org/papers/w3855.pdf?new_window=1. Acessado em: 14/03/2013.

11 FELDSTEIN, M. The Political Economy of the European Economic and Monetary Union: Political Sources of an Economic Liability. *National Bureau of Economic Research*, n. 6150, p. 5, 1997. Disponível em: <http://www.nber.org/papers/w6150.pdf>

12 EICHENGREEN, B. *EMU. An Outsider's Perspective*. Disponível em: <http://emlab.berkeley.edu/~eichengr/research/c96-97.pdf>. Acessado em 14/03/2013.

13 WILLET, T. D. *Some Political Economy Aspects of EMU*. Disponível em: <http://www.claremontmckenna.edu/rdschool/papers/2000-17.pdf>. Acessado em 14/03/2013.

14 JONUNG, L. e DREA, E. p.22, 2009.

de notícias britânicas. A influência da mídia do Reino Unido sobre a questão pode contribuir ainda mais para tais visões céticas sobre todas as coisas na Europa continental. Por isso, o título zombador de um estudo europeu sobre as percepções americanas sobre o euro diz: "O euro: Não pode acontecer. É uma má ideia. Não vai durar."¹⁵

LIÇÕES DOS ESTADOS UNIDOS?

O fato que a UEM foi generalizadamente analisada através do paradigma da AMO e frequentemente em comparação à união monetária de sucesso dos Estados Unidos ajuda a explicar a natureza de alguns conselhos oferecidos através do Atlântico hoje. Se a UEM está sem os elementos críticos de uma área monetária sustentável, poderia procurar por lições na experiência americana em estabelecer uma união monetária durável. Um exemplo é a famosa suposição das dívidas do estado pelo novo governo federal colocado por Alexander Hamilton em 1790.¹⁶ Porém, esta lição vem com ressalvas decisivas, como a dívida federal que tem sido "suportada pelo completo sistema de poderes federais, incluindo o enorme poder de impor impostos" desde o início do período federal, enquanto a zona do euro, por enquanto, não tem tal autoridade.¹⁷

Seguidamente, uma forma de remediar as deficiências estruturais do euro seria, como Paul Krugman nota, "integração completa, no estilo americano – Estados Unidos da Europa" (Krugman, 2012).¹⁸ Krugman reconhece que há uma condição: a ideia de Estados Unidos da Europa não é nada além de uma visão. Se esta visão se transformará em solução, na melhor das hipóteses será uma de longo prazo. Em uma tradicional percepção americana, o federalismo está no coração de qualquer solução para a crise europeia. Mencionada explicitamente ou não, a forma imaginada da Europa é a de um Estado nação, próxima aos Estados Unidos da América. Esta percepção da integração europeia tem uma longa historia no discurso americano. Foi George Washington que uma vez escreveu ao Marquês de Lafayette que "um

15 JONUNG, L. e DREA, E. p.22, 2009.

16 COOLEY, T.; RICHARDSON, M.; SCHOENHOLTZ, K. *What Alexander Hamilton can teach the euro zone*. Disponível em: <http://www.politico.com/news/stories/1211/69839.html>. Acessado em 14/03/2013.

17 HENNING, C. R.; KESSLER, M. Fiscal Federalism. U.S. History for Architects of Europe's Fiscal Union. *Peterson Institute for International Economics*, p. 19, Janeiro de 2012.

18 KRUGMAN, 2012.

dia, no modelo dos Estados Unidos da América, os Estados Unidos da Europa também existirão.”¹⁹

Não se admira, então, que até hoje, e especialmente durante a crise da integração europeia, passos em direção à unificação europeia sejam frequentemente medidos nos Estados Unidos em relação ao grau de centralização e federalização que atingem. A ideia europeia pós-moderna de soberania dividida e coordenação de políticas dentro de uma estrutura altamente intergovernamental tem sempre sido vista com uma boa dose de ceticismo. Só parecia possível como uma parada em direção à integração federal total. A crise do euro representa uma boa oportunidade para os comentaristas dos Estados Unidos para se lembrarem do que eles pensam há muito tempo: que esta Europa não irá funcionar da forma como foi construída e irá precisar de uma saudável injeção de americanismo para funcionar eficientemente.

Em grande parte ausente do debate é a ideia de que a atual estrutura intergovernamental poderia ser melhorada e fortalecida para servir às necessidades de uma zona monetária. Nesta concepção, a criação de um único Estado nação europeu não estaria à vista, ao contrário: uma união monetária neste formato seria idealmente baseada em tratados e compromissos, e continuaria a operar sob o princípio do “não resgate”. Em instâncias onde um Estado europeu oferece assistência limitada, tais programas seriam baseados em condicionalidades rígidas, de forma a não questionar o desejo de reforma – por exemplo, para não criar um risco moral político (Issing, 2012).²⁰ Uma solução intermediária prevê alguma forma de quase federalismo, rigorosamente restrito à esfera das políticas bancárias e fiscais.²¹

Ao invés de permitir a si mesmos considerar tal cenário, especialistas americanos parecem focar em passos que eventualmente levarão ao federalismo completo. O problema desta abordagem é o parâmetro usado para medir o sucesso de qualquer ação europeia para lidar com a crise. Se federalismo é o objetivo e a única solução, todas as respostas europeias até agora falharam. Analistas europeus as vezes reclamam que tal interpretação subestima o que a Europa já conseguiu para superar a crise.²² Pode-se prever confiantemente

19 Carta de George Washington ao Marquês de La Fayette. Disponível em: <http://en.wikiquote.org/wiki/Europe>. Acessado em 14/03/2013

20 Issing 2012.

21 KLEINE-BROCKHOFF, T. *Germany can't save Europe on its own*. Disponível em: <http://www.cnn.com/2012/06/20/opinion/brockhoff-germany-euro/index.html>. Acessado em 21/06/2012.

22 MATTHES, J. *Rebalancing Works*. Disponível em: <http://www.gmfus.org/archives/rebalancing-works-the-prospects-for-the-eurozone-reconsidered/>. Acessado em 14/03/2013.

que este padrão irá continuar a dominar a interpretação da crise europeia nos Estados Unidos.

Uma exceção a esta regras é o trabalho de C. Fred Bergsten e Jacob Funk Kirkegaard. Estes economistas do Instituto Peterson se distinguem ao reconhecer que federalismo completo é improvável, mas soluções são possíveis. Eles descrevem o que eles chamam de teoria “apenas na borda”. Nesta leitura, vastas reformas estruturais só são possíveis em períodos de crise, como no presente. O uso de força financeira esmagadora é impossível em uma área de soberania distribuída onde o risco moral político “irá se manter a preocupação política abrangente dando forma à resposta à crise intergovernamental” (Bergsten e Kirkegaard, 2012)²³ No entanto, eles assumem que, no fim, as principais partes interessadas na sobrevivência da zona do euro (Alemanha, França, o Banco Central Europeu) farão o que for necessário para completar o trabalho. Porém, “o problema para os mercados é que estes atores centrais não podem dizer que é isso que eles vão fazer” (Bergsten e Kirkegaard, 2012).²⁴

UMA FISSURA FILOSÓFICA TRANSATLÂNTICA? KEYNES X HAYEK

Consideravelmente afastada da conversa sobre a viabilidade das estruturas de governança da Europa, uma fissura transatlântica é evidente no debate de política econômica. Colocado de forma simples, há um choque de filosofias: de um lado uma interpretação percebida como Anglo-Americana (majoritariamente americana) da crise e políticas promissoras para acabar com ela, e do outro lado uma interpretação do Norte da Europa (majoritariamente alemã). Ou simplificando ainda mais: John Maynard Keynes vs. Friedrich August von Hayek. Enquanto os reais economistas Keynes e Hayek não estão sempre no centro deste debate, os dois economistas dão suporte a uma variedade de pontos de vista. “Keynes” e “Hayek” tornaram-se palavras-chave para descrever estratégias amplas: a primeira pode ser descrita como a defesa para mais estímulo financiado pela dívida, um banco central mais ativo e adiamento de reformas estruturais até que o crescimento tenha voltado; o segundo alerta sobre risco moral e defende austeridade, manutenção da verba assim como restrição monetária, e reformas estruturais imediatas, mesmo que isso possa reduzir (ou eliminar) o crescimento a curto prazo.

23 BERGSTEN e KIRKEGAARD. *The Coming Resolution of the European Crisis*. Disponível em: <http://www.voxeu.org/article/coming-resolution-eurozone-crisis> Acessado em: 1/3/2013.

24 BERGSTEN e KIRKEGAARD, 2012, p. 2.

A visão Keynesiana, que domina a opinião pública nos Estados Unidos, busca mais ações decisórias agora, e como resultado percebe os esforços europeus de “sair de qualquer maneira” como insuficientes. Muitos observadores americanos culpam líderes europeus por só fazer o que é necessário para evitar um desastre total, mas nunca o suficiente para resolver a crise. Eles tem criticado os europeus por sempre estar “um dia atrasados e um euro faltando”²⁵ Neste ponto de vista, o objetivo principal das políticas na zona do euro deve ser diminuir a dívida e os fardos do empréstimos e incitar crescimento econômico o mais rápido possível, porque sem crescimento, a estabilização da situação parece irrealista. Conseqüentemente, defensores não vêem *brinkmanship* como uma solução viável. Eles temem que tal abordagem “ameace questionar a coesão do projeto de integração europeia.”²⁶ Como seu biógrafo destaca, o próprio Keynes advertiu em *The Economic Consequences of Peace* que havia um limite à capacidade nacional de cobrir a dívida, levando o co-autor de Sidelsky, Marcus Miller, a concluir que “dívidas soberanas devem ser gerenciadas de forma que não destruam a economia ou o centro político.”²⁷ De acordo com essa linhas de pensamento, o atual gerenciamento da crise europeia é insustentável. Políticas de austeridade, prescritas pela visão econômica do Norte da Europa/Alemanha, levaram economias a se retraírem ainda mais e tornaram mais difícil para países pagarem suas dívidas. A solução, conseqüentemente, só pode ser atingida se medidas para aumentar o crescimento forem adotadas.²⁸ Alguns defensores desta visão são cuidadosos em reconhecer que influências dos déficits de longo prazo (a tendência a aumentar a dívida pública) é “uma questão seria tanto na zona do euro quanto fora dela.”²⁹ No entanto, eles argumentam, o verdadeiro Keynesianismo “demanda mais, não menos, austeridade fiscal em tempos normais do que a ortodoxa teoria

25 STOKES, B. “Moment of Truth. Germany’s chancellor can save Europe. But it means betraying her voters,” *National Journal*, 3/12/2011, p. 33.

26 TRUMAN, E. M., *The Terrible Cost of Inaction in Europe*. Real Time Economic Issues Watch, Peterson Institute for International Economics, 2/7/2012. Disponível em: <http://www.piie.com/blogs/realtime/?p=3001>. Acessado em 14/03/2013.

27 MILLER, M.; SIDELSKY, R. How Keynes would solve the eurozone crisis. *Financial Times*, 15/05/2012, <http://www.ft.com/intl/cms/s/2/55d094cc-9e74-11e1-a24e-00144feabdc0.html#axzz24V3Ct1UM>

28 THE NEW YORKTIMES. *The Crisis This Time*. Editorial, 24/05/2012. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2012/05/25/opinion/the-euro-crisis-this-time.html>. Acessado em 14/03/2013.

29 WREN-LEWIS, S. *The work of John Maynard Keynes shows us that counter-cyclical fiscal policy and an easing of austerity may offer a way out of the eurozone crisis*. Disponível em: <http://blogs.lse.ac.uk/europpblog/2012/08/23/keynes-counter-cyclical-fiscal-policy/>. Acessado em 14/03/2013.

dos orçamentos balanceados,” como Keynes propôs que excedentes devem ser acumulados durante os anos bons para que possam ser gastos para estimular demanda durante tempos ruins.”³⁰ Similar às políticas europeias de momento, regras fiscais são requeridas, mas em contraste com as regras do Pacto de Crescimento e Estabilidade da Europa e o Compacto Fiscal, estas regras devem “encorajar governos a construir políticas fiscais contra-cíclicas ao invés de pró-cíclicas” (Wren-Lewis, 2012)³¹

Enquanto direcionado ao gerenciamento da crise europeia em geral, estas críticas miram mais especificamente no que é percebido como a visão econômica alemã por trás dela. Realmente, como Ulrike Guérot e Sebastian Dullien apontam, “soluções alemães para a crise do euro são bem diferentes daquelas demandadas pelos mercados financeiros e pela imprensa internacional.”³² Uma razão para isso, eles argumentam, é a “longa sombra do Ordoliberalismo,”³³ uma variante unicamente alemã do pensamento econômico neoliberalista que foi fundamental para criar o modelo econômico alemão após a Segunda Guerra Mundial. Com sua forte ênfase na estabilidade de preços e oposição ao intervencionismo Keynesiano na economia, o Ordoliberalismo preparou o caminho para o que Guérot e Dullien hoje identificam como o consenso *mainstream* entre a elite econômica alemã, fortemente influenciada pelas expectativas racionais pelo lado da oferta.³⁴ Neste ponto de vista, desequilíbrios dentro da zona do euro, vistos como a maior causa da crise por muitos observadores americanos, são uma consequência de uma perda de competitividade autoimposta e de excessivo consumo na periferia e devem então ser consertados nestes países, mas não na Alemanha. Nesta visão alemã, medidas de austeridade combinadas com reformas estruturais imediatas, consideradas devastadoras por muitos no *mainstream* Anglo-Americano, constituem a única forma de retomar a confiança econômica na periferia. Os “über-Keynesianos Anglo-Americanos” e suas políticas são recusadas por terem criado “déficits sem fim” enquanto mal “lidaram com o desemprego.”³⁵ Em países que tem problemas

30 FARREL, H. QUIGGIN, J. How to Save the Euro – and the EU. Reading Keynes in Brussels. *Foreign Affairs*, p. 100, Maio/Junho 2011.

31 WREN-LWEIS, S. 2012.

32 DULLIEN, S.; GUÉROT, U. *The Long Shadow of Ordoliberalism: Germany's Approach to the Euro Crisis*. Disponível em http://www.ecfr.eu/page/-/ECFR49_GERMANY_BRIEF_AW.pdf. Acessado em 14/03/2013.

33 Ibid.

34 Ibid.

35 JOFFE, J. I come to praise Ms. Merkel, not to bury her. *Financial Times*, 19/06/2012. Disponível em: <http://www.ft.com/intl/cms/s/0/a438a8a6-b8ab-11e1-a2d6-00144feabdc0.html#axzz24V3Ct1UM>. Acessado em 14/03/2013.

em manter acesso a mercados financeiros, uma estratégia de estímulo baseado em mais dívida é vista como uma “auto-derrota”.

Em análises mais profundas, porém, estas linhas econômicas e filosóficas não são características exclusivas do debate transatlântico. De fato, elas representam fissuras entre duas facções diferentes, tanto na Europa quanto nos Estados Unidos. As mesmas divisões que caracterizam a disputa transatlântica são características chave no atual debate doméstico nos Estados Unidos sobre políticas econômicas. Enquanto seus nomes estão “a espreita, majoritariamente fora de vista” tanto Keynes quanto Hayek tem provido “bases intelectuais para ambos os lados,” com a Casa Branca seguindo uma abordagem mais Keynesiana, e muitos Republicanos seguindo a escola de Hayek e seu mentor Ludwig Von Mises.³⁶

Além disso, enquanto é verdade que o discurso econômico na Alemanha é dominado pela “longa sombra do Ordoliberalismo”, há também uma minoria Keynesiana barulhenta, tanto na esfera política quanto na academia. De fato, muito parecido com o resto da economia global, a Alemanha respondeu à crise financeira de 2008 implementando um estímulo fiscal de larga escala, embora o país tenha “retornado à sua tradição de instância anti-Keynesiana” desde então (Farrel e Quiggin, 2011)³⁷ Além disso, enquanto a Alemanha e outros países do norte europeu parecem estar liderando muito das respostas políticas à crise, suas visões econômicas *mainstream* receberam apenas apoio limitado em outros locais na Europa.³⁸ Mesmo dentro do campo norte europeu, fissuras estão se tornando visíveis, como demonstrado pelo crescente apoio às prescrições Keynesianas nos Países Baixos. Similarmente, enquanto políticas Keynesianas ainda tem um grande papel no debate americano (a mais notável, a proposta do presidente de \$447 bilhões para o Job Act), uma forte e aberta oposição persiste, e pode até ganhar mais influencia. O apetite por medidas mais estimulantes parece baixo, e com o teto da dívida em 2012, e um confronto entre a Casa Branca e a Câmara dos Deputados controlada pelos Republicanos acontecendo, a atenção tem mudado cada vez mais para um foco em déficits e dívida.

Certamente, disputas de política econômica entre os parceiros transatlânticos é uma realidade. Algumas são influenciadas por diferentes visões econômicas *mainstream* e tradições políticas, enquanto outras podem ser reflexo de

36 RATTNER, S. The 2012 rivals can be named. Hayek v Keynes. *Financial Times*, 12/09/2011. Disponível em: <http://www.ft.com/intl/cms/s/0/0cebaa1a-dd47-11e0-b4f2-00144feabdc0.html#axzz24V3Ct1UM>. Acessado em: 14/03/2013.

37 FARREL, H.; QUIGGIN, J. 2011, p. 100.

38 DULLIEN, S.; GUÉROT, U. 2012, p. 1.

qual partido político e líderes estejam atualmente no poder. Nos últimos anos, governos de centro-direita tem estado em sua maior parte no poder na Europa, enquanto administrações de centro-esquerda tem governado os Estados Unidos. Como a chegada do socialista François Hollande como presidente da França, a percepção mudou notavelmente. Para os Estados Unidos, a fissura com a visão econômica da Alemanha/norte europeu é tanto uma disputa transatlântica atual quanto um reflexo do debate econômico doméstico nos Estados Unidos desde o começo da crise financeira.

A CRISE DO EURO E AS ELEIÇÕES AMERICANAS

L evará algum tempo para que a Europa se recupere da campanha presidencial americana de 2012, dado a forma de “bicho-papão” como foi representada. A Europa raramente foi mencionada e quando foi, de forma depreciativa. A Europa entrou no debate como uma forma de justificativa para o lento crescimento dos Estados Unidos ou como sinônimo para a dívida e os gastos governamentais em excesso. Neste processo – como era de se esperar durante uma campanha política – detalhes históricos, econômicos e políticos foram perdidos com frequência, e mais visões variadas foram negligenciadas.

Para o Presidente Obama, a situação na Europa tinha sido de crucial importância. Ao longo do verão de 2012, parecia que suas chances de reeleição só poderiam ser seriamente comprometidas se a Europa puxasse novamente a economia global para a recessão, ameaçando “derrubar o presidente do cargo.”³⁹ O presidente então teve um interesse pessoal nos desenvolvimentos do outro lado do Atlântico. De acordo com alguns relatórios, ele tinha uma “quase obsessão”⁴⁰ com as angústias da Europa. Isto pode ter explicado o foco da administração americana em uma solução rápida para a crise do euro, e explicaria a falta de conexão com os líderes do norte europeu, que se preocupavam com os efeitos adversos de longo prazo de qualquer resolução rápida para a crise (ex. crise moral e transferências permanentes). Como a administração Obama tinha poucos meios de impactar a situação na Europa no curto prazo, restringiu-se a sentar e esperar que “quaisquer notícias de fora esperassem até 6 de novembro.”⁴¹

39 Ibid.

40 WHITE, B. Obama's Europe fixation. *Politico*, 25/08/2012. Disponível em: <http://www.politico.com/news/stories/0812/79846.html>. Acessado em: 14/03/2013.

41 WEST, D.; GAYER, T.; LOMBARDI, D. Economic signs for November. *The Washington Post*, 24/08/2012. Disponível em: http://www.washingtonpost.com/opinions/economic-signs-for-november/2012/08/24/f454a69e-e8c8-11e1-936a-b801f1abab19_story.html. Acessado em 14/03/2013.

A Europa não se saiu muito melhor com a direita política dos Estados Unidos. Para seus críticos, as frequentes referências da administração aos ventos contrários vindos da Europa eram pouco mais que “álibis econômicos” para o “Senhor-Desculpas-no-poder” como o colunista do *Wall Street Journal*, Bret Stephens escreveu.⁴² Deste ponto de vista, o presidente simplesmente tentava “desviar a atenção das suas políticas errôneas ao por a culpa na Europa – e mais especificamente na Frau Merkel.”⁴³ Na narrativa republicana, a zona do euro era vista como suposta prova dos perigos da dívida governamental, excesso de regulação e gastos. O desafiante republicano, Mitt Romney, frequentemente relacionou os desenvolvimentos na Europa ao Presidente Obama, defendendo que se “nós ficarmos no caminho em que estamos, ficaremos como a Europa, com um grande governo pedindo mais e mais, prometendo mais e mais, e falando mais e mais.”⁴⁴ Ele também deixou claro que a Europa não deveria esperar ser resgatada pelos Estados Unidos.⁴⁵ Outros republicanos alertaram que as políticas da administração eram um “mapa para a Grécia.”⁴⁶ De forma similar, o candidato republicano à vice-presidência, Paul Ryan, alertou que “nós iremos ficar igual à Europa se mantivermos as políticas europeias.”⁴⁷ Então, na corrida para o 6 de Novembro, o Partido Republicano continuou argumentando que, como outro analista destacou, “um segundo mandato Obama significaria a consolidação do modelo social e econômico europeu em território americano.”⁴⁸

42 STEPHENS, B. A Presidency of Excuses. *Wall Street Journal*, 11/06/2012. Disponível em: <http://online.wsj.com/article/SB10001424052702303901504577460193263617530.html>.

43 STELZER, I. M. The Bucks Stops Over There. Blaming Europe for the U.S. economy. *Weekly Standard*, 25/06/2012. Disponível em: http://www.weeklystandard.com/articles/buck-stops-over-there_647321.html

44 AFP. *Romney doesn't want Europe's fiscal problems in U.S.*, Disponível em: <http://www.google.com/hostednews/afp/article/ALeqM5hHdI2CatLKAvRzutyPkK3T4FZdFw?docId=CNG.57af47f3cbe2260c211d864cfe7f5c93.2f1>. Acessado em 21/06/2012.

45 GEMAN, B. Romney warns Europe. Don't expect U.S. bailout. *The Hill*, 17/06/2012. Disponível em: <http://thehill.com/blogs/on-the-money/economy/233089-romney-dont-bail-out-europe>.

46 MCMORRIS-ROGERS, C. *Weekly Republican Address* Disponível em: <http://mcmorris.house.gov/news-releases/mcmorris-rodgers-delivers-weekly-republican-address/>. Acessado em: 14/03/2013.

47 WALSH, S. Paul Ryan Says President Obama is Turning the Country into Europe. ABC News, 22/08/2012. Disponível em: <http://abcnews.go.com/blogs/politics/2012/08/paul-ryan-says-president-obama-is-turning-the-country-into-europe/>. Acessado em: 14/03/2013.

48 GERSON, M. Polarized to a draw. *The Washington Post*, 28/08/2012. Disponível em: http://www.washingtonpost.com/opinions/michael-gerson-a-campaign-that-is-polarized-to-a-draw/2012/08/27/8023a824-f07f-11e1-892d-bc92fee603a7_story.html

Ambos os partidos políticos americanos estavam fazendo seu melhor para manter a Europa distante. Eles retratavam a Europa como uma má influência aos Estados Unidos, e como um modelo a não ser seguido. Certamente, muito desta retórica poderia ser atribuída à campanha, mas tais comentários anti-europeus evocaram os velhos estereótipos da Europa nos Estados Unidos. Historicamente, a fascinação americana com a Europa se misturou com desilusão e irritação. Afinal, para a maioria dos imigrantes americanos, a Europa era o lugar da onde escapar. Os Estados Unidos, por outro lado, foi construído como um antídoto à Europa. “Por que” perguntou George Washington em seu discursos de despedida, “combinar nosso destino com aquele de qualquer parte da Europa, misturando nossa paz e prosperidade com a armadilha da ambição, rivalidade, interesse, humor ou capricho europeus?”⁴⁹ Tais imagens, poderosas como são, podem ser facilmente recriadas em tempos de crise e colocadas em uso durante campanhas políticas. Muito frequentemente, “Europa” é usado como substituto para escolhas que são mais um reflexo do debate interno americano do que de uma situação específica do outro lado do Atlântico.

DE UM DEBATE ECONÔMICO A UM ESTRATÉGICO

Sobre as angústias da Europa, o debate público nos Estados Unidos é exclusivamente americano, no sentido em que reflete preferências domésticas e escolhas, imagens e percepções de política interna. No seu nível mais direto, o discurso americano sobre a crise do euro reflete uma preocupação profunda sobre contágio; segundo, tal retórica reitera alguns dos temas favoritos das interpretações americanas sobre a Europa; finalmente, no nível da campanha política, coloca a Europa como um bicho-papão.

A possibilidade muito real da maior economia do mundo entrar em uma grande recessão não está sendo negligenciada pelos Estados Unidos. Além disso, americanos também estão cientes que a Europa é economicamente integrada aos Estados Unidos de uma maneira única e complexa. Integração profunda⁵⁰ pode levar a um contágio profundo. Contágio leva à preocupação, preocupação profunda. O que começou como uma conversa de nicho sobre contágio dos mercados financeiros cresceu para um argumento sobre estraté-

49 ASH, T. G. Anti-Europeanism in America. *Hoover Digest*, n.2, 2003. Disponível em: <http://www.hoover.org/publications/hoover-digest/article/7235>

50 HAMILTON, D.; QUINALAN, J. *Deep integration: How transatlantic markets are leading globalization*. Disponível em: http://aei.pitt.edu/32584/1/23_Deep_Integration.pdf. Acessado em: 14/03/2013.

gias de investimento, crescimento e trabalho. Se as companhias americanas irão continuar a investir na Europa irá depender se elas esperam que o continente se mantenha uma fonte sólida de renda. Algum alarmismo pode ser entendido desta perspectiva.

Mas ao longo de 2012, o debate sobre a crise europeia começou a transcender a esfera econômica. A pergunta chave é esta: será o tradicional discurso americano “Para onde vai a Europa” substituído por uma teoria da implosão? “E se a Europa não der certo?”⁵¹ é agora a pergunta que analistas consideram seriamente. Irá a Europa sumir do palco mundial de repente e não gradualmente? E como isso irá afetar a ordem internacional construída pelos Estados Unidos? Claramente, o debate encontrou uma sobreposição estratégica. Infelizmente para os europeus, foi necessária uma grande crise e seus efeitos continuados para colocar o velho continente de volta no centro do palco em Washington, pelo menos por um tempo.

Thomas Keine-Brockhoff é Diretor de Estratégia do German Marshal Fund nos Estados Unidos. Lidera o projeto EuroFuture dessa instituição.

Peter Sparding é Transatlantic Fellow do Programa de Economia Política do German Marshall Fund nos Estados Unidos. Seu foco atual é a crise da Zona do Euro.

51 WRIGHT, T. What if Europe Fails?. *The Washington Quarterly*, Jun./Jul./Aug. 2012.

REFERÊNCIAS

- AFP. *Romney doesn't want Europe's fiscal problems in U.S.*, Disponível em: <http://www.google.com/hostednews/afp/article/ALeqM5hHdI2CatLKAvRzutyPkK3T4FZdFw?docId=CNG.57af47f3cbe2260c211d864cfe7f5c93.2f1>. Acessado em 21/06/2012.
- ASH, T. G. Anti-Europeanism in America. *Hoover Digest*, n.2, 2003. Disponível em: <http://www.hoover.org/publications/hoover-digest/article/7235>
- BAYOUMI, T.; EICHENGREEN, B. Shocking Aspects of European Monetary Union. *National Bureau of Economic Research*, n.3949, p.35, 1992. Disponível em: http://www.nber.org/papers/w3949.pdf?new_window=1. Acessado em: 14/03/2013.
- BERGSTEN e KIRKEGAARD. *The Coming Resolution of the European Crisis*. Disponível em: <http://www.voxeu.org/article/coming-resolution-eurozone-crisis> Acessado em: 1/3/2013.
- COOLEY, T.; RICHARDSON, M.; SCHOENHOLTZ, K. *What Alexander Hamilton can teach the euro zone*. Disponível em: <http://www.politico.com/news/stories/1211/69839.html>. Acessado em 14/03/2013.
- DULLIEN, S.; GUÉROT, U. *The Long Shadow of Ordoliberalism: Germany's Approach to the Euro Crisis*. Disponível em http://www.ecfr.eu/page/-/ECFR49_GERMANY_BRIEF_AW.pdf. Acessado em 14/03/2013.
- EICHENGREEN, B. *EMU. An Outsider's Perspective*. Disponível em: <http://emlab.berkeley.edu/~eichengr/research/c96-97.pdf>. Acessado em 14/03/2013.
- FARREL, H. QUIGGIN, J. How to Save the Euro – and the EU. Reading Keynes in Brussels. *Foreign Affairs*, p. 100, Maio/Junho 2011.
- FELDSTEIN, M. The Political Economy of the European Economic and Monetary Union: Political Sources of an Economic Liability. *National Bureau of Economic Research*, n. 6150, p. 5, 1997. Disponível em: <http://www.nber.org/papers/w6150.pdf>
- FELDSTEIN, M. EMU and International Conflict. *Foreign Affairs*, Nov./Dez. 1997, Disponível em: <http://www.foreignaffairs.com/articles/53576/martin-feldstein/emu-and-international-conflict>
- FRANKEL, J. A.; ROSE, A. K. *The Endogeneity of the Optimum Currency Area Criteria*. Disponível em: <http://faculty.haas.berkeley.edu/aroase/ocaej.pdf>. Acessado em 31/06/2012.
- GEMAN, B. Romney warns Europe. Don't expect U.S. bailout. *The Hill*, 17/06/2012. Disponível em: <http://thehill.com/blogs/on-the-money/economy/233089-romney-dont-bail-out-europe>.
- GERSON, M. Polarized to a draw. *The Washington Post*, 28/08/2012. Disponível em: http://www.washingtonpost.com/opinions/michael-gerson-a-campaign-that-is-polarized-to-a-draw/2012/08/27/8023a824-f07f-11e1-892d-bc92fee603a7_story.html

- HAMILTON, D.; QUINALAN, J. *Deep integration: How transatlantic markets are leading globalization*. Disponível em: http://aei.pitt.edu/32584/1/23._Deep_Integration.pdf. Acessado em: 14/03/2013.
- HENNING, C. R.; KESSLER, M. Fiscal Federalism. U.S. History for Architects of Europe's Fiscal Union. *Peterson Institute for International Economics*, p. 19, Janeiro de 2012.
- JOFFE, J. I come to praise Ms. Merkel, not to bury her. *Financial Times*, 19/06/2012. Disponível em: <http://www.ft.com/intl/cms/s/0/a438a8a6-b8ab-11e1-a2d6-00144feabdc0.html#axzz24V3Ct1UM>. Acessado em 14/03/2013.
- JONUNG, L.; DREA, E. *The euro: It can't happen, It's a bad idea, It won't last*. Disponível em: http://ec.europa.eu/economy_finance/publications/publication16345_en.pdf. Acessado em 14/3/2013.
- KLEINE-BROCKHOFF, T. *Germany can't save Europe on its own*. Disponível em: <http://www.cnn.com/2012/06/20/opinion/brockhoff-germany-euro/index.html>. Acessado em 21/06/2012.
- KRUGMAN, P. *Revenge of the Optimal Currency Area*. Disponível em: <http://krugman.blogs.nytimes.com/2012/06/24/revenge-of-the-optimum-currency-area/>. Acessado em 24/06/2012
- MATTHES, J. Rebalancing Works. Disponível em: <http://www.gmfus.org/archives/rebalancing-works-the-prospects-for-the-eurozone-reconsidered/>. Acessado em 14/03/2013.
- MCMORRIS-ROGERS, C. *Weekly Republican Address* Disponível em: <http://mcmorris.house.gov/news-releases/mcmorris-rodgers-delivers-weekly-republican-address/>. Acessado em: 14/03/2013.
- MILLER, M.; SIDELSKY, R. How Keynes would solve the eurozone crisis. *Financial Times*, 15/05/2012, <http://www.ft.com/intl/cms/s/2/55d094cc-9e74-11e1-a24e-00144feabdc0.html#axzz24V3Ct1UM>
- MONAGHAN, A.; FLETCHER, R. *Eurozone will collapse this year, says Nouriel Roubini*. Disponível em: <http://www.telegraph.co.uk/finance/financialcrisis/9046365/Eurozone-will-collapse-this-year-says-Nouriel-Roubini.html>. Acessado em 28/01/2012.
- PEW RESEARCH CENTER *Public Yawns at European Economic Woes*. Disponível em: <http://www.people-press.org/2012/05/17/public-yawns-at-european-economic-woes/>. Acessado em 17/05/2012.
- POLITOBAROMETER. *Euro-Krise gewinnt stark an Bedeutung*. Disponível em: <http://politbarometer.zdf.de/ZDF/zdfportal/web/ZDF.de/Politbarometer/2942200/23440882/33c54a/Euro-Krise-gewinnt-stark-an-Bedeutung.html>. Acessado em 13/07/2012.
- RATTNER, S. The 2012 rivals can be named. Hayek v Keynes. *Financial Times*, 12/09/2011. Disponível em: <http://www.ft.com/intl/cms/s/0/0cebaa1a-dd47-11e0-b4f2-00144feabdc0.html#axzz24V3Ct1UM>. Acessado em: 14/03/2013.

- SALA-I-MARTIN, X.; SACHS, J. Fiscal Federalism and Optimum Currency Areas: Evidence for Europe from the United States. *National Bureau of Economic Research*, n.3855, p. 20, 1991. Disponível em: http://www.nber.org/papers/w3855.pdf?new_window=1. Acessado em: 14/03/2013.
- STELZER, I. M. The Bucks Stops Over There. Blaming Europe for the U.S. economy. *Weekly Standard*, 25/06/2012. Disponível em: http://www.weeklystandard.com/articles/buck-stops-over-there_647321.html
- STEPHENS, B. A Presidency of Excuses. *Wall Street Journal*, 11/06/2012. Disponível em: <http://online.wsj.com/article/SB10001424052702303901504577460193263617530.html>.
- STOKES, B. “Moment of Truth. Germany’s chancellor can save Europe. But it means betraying her voters,” *National Journal*, 3/12/2011, p. 33.
- THE NEW YORK TIMES. *The Crisis This Time*. Editorial, 24/05/2012. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2012/05/25/opinion/the-euro-crisis-this-time.html>. Acessado em 14/03/2013.
- TRUMAN, E. M., The Terrible Cost of Inaction in Europe. Real Time Economic Issues Watch, Peterson Institute for International Economics, 2/7/2012. Disponível em: <http://www.piie.com/blogs/realtime/?p=3001>. Acessado em 14/03/2013.
- WALSHE, S. Paul Ryan Says President Obama is Turning the Country into Europe. ABC News, 22/08/2012. Disponível em: <http://abcnews.go.com/blogs/politics/2012/08/paul-ryan-says-president-obama-is-turning-the-country-into-europe/>. Acessado em: 14/03/2013.
- WASHINGTON, G. *Carta ao Marquês de La Fayette*. Disponível em: <http://en.wikiquote.org/wiki/Europe>. Acessado em 14/03/2013
- WEISSMANN, J. *Eurogeddon: A Worst-Case Scenario Handbook for the European Debt Crisis*. Disponível em: <http://www.theatlantic.com/business/archive/2012/06/eurogeddon-a-worst-case-scenario-handbook-for-the-european-debt-crisis/258368/>. Acessado em: 12/06/2012.
- WEST, D.; GAYER, T.; LOMBARDI, D. Economic signs for November. *The Washington Post*, 24/08/2012. Disponível em: http://www.washingtonpost.com/opinions/economic-signs-for-november/2012/08/24/f454a69e-e8c8-11e1-936a-b801f1abab19_story.html. Acessado em 14/03/2013.
- WHITE, B. Obama’s Europe fixation. *Politico*, 25/08/2012. Disponível em: <http://www.politico.com/news/stories/0812/79846.html>. Acessado em: 14/03/2013.
- WILLET, T. D. *Some Political Economy Aspects of EMU*. Disponível em: <http://www.claremontmckenna.edu/rdschool/papers/2000-17.pdf>. Acessado em 14/03/2013.
- WRIGHT, T. What if Europe Fails?. *The Washington Quarterly*, Jun./Jul./Aug. 2012.
- WREN-LEWIS, S. *The work of John Maynard Keynes shows us that counter-cyclical fiscal policy and an easing of austerity may offer a way out of the eurozone crisis*. Disponível em: <http://blogs.lse.ac.uk/europpblog/2012/08/23/keynes-counter-cyclical-fiscal-policy/>. Acessado em 14/03/2013.